

ALMEIDA, M. do S. O, de. Capitães da Areia: as caminhadas noturnas em busca do desejo de transgressão, Pau dos Ferros, v. 02, n. 02, p. 248 - 267, set./dez. 2013.

CAPITÃES DA AREIA: AS CAMINHADAS NOTURNAS EM BUSCA DO DESEJO DE TRANSGRESSÃO¹

CAPTAINS OF SAND: THE NIGHT WALKS IN SEARCH OF VIOLATION OF DESIRE

Maria do Socorro Oliveira de Almeida²

Resumo: *Este trabalho focaliza a obra “Capitães da Areia”, de Jorge Amado enquanto instrumento de denúncia social, visando investigar como se processa a negação da infância e a segregação social na referida obra a partir das experiências vivenciadas pelos personagens principais que, apesar de estarem imersos em um ambiente degradante, dominam as cenas do enredo com heroísmo e desejo de superação. Para o estabelecimento da discussão acerca da temática foi realizada uma pesquisa bibliográfica para então fazermos uma leitura histórico-sociológica ancorada nas concepções de: Antonio Candido (2004, 2005), Abdala Junior (1993), Albuquerque Jr (2006), Brait (1985), Reuter (2004), dentre outros. A pesquisa possibilitou reflexões que direcionaram para as seguintes considerações: os abusos e a discriminação da população baiana constituem a negação da infância. No entanto, apesar do meio influenciar o comportamento dos atores sociais do romance, alguns se superaram e saíram de sua condição de delinquentes para serem cidadãos, cuja missão era retratar as mazelas do povo baiano para lutar pelos seus direitos.*

Palavras-chave: *Denúncia social; Negação da infância; Segregação.*

Abstract: *This paper focuses on the book "Captains of the Sands" by Jorge Amado as an instrument of social protest, and to assess how it handles the denial of childhood and social segregation in that work from experiences of the main characters who, despite being immersed in a degrading environment, dominate the scenes of the plot with heroism and desire to excel. Antonio Candido (2004, 2005), Abdala Junior (1993), Albuquerque Jr (2006), Brait (1985: to establish the thematic discussion of a literature search and then do a historical - sociological interpretation anchored in conceptions was conducted), Reuter (2004), among others. Search the considerations that directed to the following considerations: the abuses and discrimination of Bahian population constitute the denial of childhood. However, despite the means to influence the behavior of social actors in the novel, some have excelled and went out of their condition of offenders to be citizens, whose mission was to portray the ills of the Bahian people to fight for their rights.*

Keywords: *social Complaint; Denial of childhood; Segregation.*

1 Introdução

A literatura consiste em uma arte vinculada a diversos saberes que possibilita ao indivíduo vivenciar situações que contribuem para libertá-lo de fatos desconfortáveis e torná-

¹ Esse artigo é parte da monografia intitulada: A infância dos capitães da areia: “do trapiche à liberdade das ruas” apresentada ao Departamento de Letras da UEPB/Campus IV – Catolé do Rocha/PB e aprovada em 26 de Novembro de 2012 sob a orientação da profa. Ms. Marta Lúcia Nunes, para obtenção do título de Licenciada em Letras.

² Graduada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba/Campus IV (UEPB). Catolé do Rocha, Brasil, e-mail: socorrouepb1@hotmail.com

lo mais humano. Portanto, a literatura serve de referencial indispensável para o desmascaramento da realidade, possibilitando ao homem o desenvolvimento da capacidade de ordenar os pensamentos e fomentar a sua visão do mundo. Segundo Candido, a literatura “[...] humaniza em sentido profundo porque faz viver” (2004, p. 176).

A escolha da temática em questão partiu do interesse de investigar de que forma estão expressas na obra “*Capitães da Areia*” a negação da infância e a segregação social, considerando que se trata de um tema bastante atual, visto que a presença de meninos de ruas não é um fenômeno distante de nosso tempo. Considerando o aumento alarmante dos índices³ de jovens que em decorrência da orfandade ou do abandono buscam refúgio nas ruas, trata-se de uma problemática que tem se agravado consideravelmente.

Os capitães da areia, atores sociais do romance em análise, por pertencerem a classe social estigmatizada, eram julgados pela população dominante como um grupo de marginais que ameaçavam a “paz da sociedade”⁴. A solução que o Estado encontrava era fundamentada em atos imprudentes que transformavam a conduta daqueles que buscavam a igualdade perante os demais cidadãos. A condição dos meninos em relação ao sistema ditatorial induz a revolta do grupo e a sua união em busca de “viver a vida ardentemente”, mesmo com os riscos de serem presos e torturados.

Jorge Amado insere-se no panorama de 1930 como um literato engajado, cuja produção artística evidencia o desejo de transfigurar as aspirações de classes nos quais todos os cidadãos pudessem desfrutar dos mesmos direitos.

Essa literatura se respalda em uma influência marxista, na qual reflete elementos que configuram a construção de uma sociedade em crise cujo pobre é discriminado pela burguesia e visto como uma classe perigosa de esquerda. Buscando elevar a classe desprivilegiada, Amado cria suas personagens na roupagem de heróis dessa massa. Em que “[...] a valorização da classe baixa espera que através do operariado se dê a elevação de toda a sociedade” (KOTHE, 1985, p. 78).

³ O censo divulgou em 2011 os resultados de uma pesquisa realizada em 75 cidades brasileiras com mais de 300 mil habitantes, onde 23.973 crianças e adolescentes vivem nas ruas. De acordo com a pesquisa, o Paraná tem a quarta maior população infantil de rua do país, com 1.172 meninos e meninas. Entre os adolescentes e crianças ouvidos, 63% disseram que vivem nessa situação por causa de brigas familiares e violência doméstica. De acordo com os pesquisadores isso é considerado um dado preocupante por especialistas, já que, quanto maior o vínculo com a rua, maior a dificuldade de se reverter a trajetória de vida. O estado com o maior número de crianças vivendo nas ruas é o Rio de Janeiro, com 5.091; a seguir vem São Paulo (4.751) e Bahia (2.313) pesquisado em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1108319&tit=23-mil-criancas-ainda-vivem-nas-ruas-no-Brasil>. Já em 2012 segundo o IBGE, mais 1,8 milhão de brasileiros vivem nas ruas em todo o país. Acessado em: <http://noticias.r7.com/cidades/noticias/moradores-de-rua-contam-sonhos-e-planos-para-2012-20120102.html>.

⁴ Optamos pela inserção de algumas expressões do próprio romance analisado ou do escritor Jorge Amado, por isso as mesmas estão grafadas entre aspas.

A análise sociológica da obra “Capitães da Areia”, um romance de 1937, cujo tema abordado tem como fio condutor a problemática das crianças órfãs ou abandonadas que se encontram nas ruas, evidenciando a exclusão social gerada pelas relações materiais de existência, traz à tona uma questão atual e fonte de debates e pesquisas, a realidade das crianças de rua. Jorge Amado quando questionado em entrevista sobre a consciência do caráter premonitório dessa problemática enfatizou: “[...] na época em que lancei o romance eu não tinha consciência de que ali estava um problema que lamentavelmente se agravaria tanto” (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1997, p. 48). É nesse sentido que a obra *corpus* de nossa análise se fixa de uma temática atemporal.

2 Jorge Amado e os “Capitães da Areia”: uma releitura aos olhos da crítica

De acordo com Abdala Junior, “Capitães da Areia” pertence a uma fase que “[...] representa aquela que poderíamos designar como a primeira fase da ficção de Jorge Amado: o romance proletário” (1993, p. 32). Publicado em 1937, no período do Estado Novo, trata-se do primeiro romance brasileiro que trás a tona a vida dos meninos que “[...] encontravam na ‘aventura da liberdade nas ruas’ e na união do grupo meios de restituir os bens e os afetos que a orfandade lhes negava” (ROSSI, 2009, p. 27).

Este livro teve sua primeira edição apreendida e queimada em praça pública na cidade da Bahia, especificamente em Salvador, por decreto de Getúlio Vargas, com o argumento de que a obra estava propagando e expandindo o comunismo. Sobre essa época, Darcy Ribeiro enfatiza: “Jorge foi, ao que eu saiba, o romancista que teve mais livros seus apreendidos pela polícia, proibidos pelo Estado Novo. Também foi o intelectual mais persistentemente perseguido por sua militância comunista e por seu prestígio” (1997, p. 27).

O regime político militar decretava a censura prévia a todos os veículos de comunicação em território nacional. Assim, o Brasil passou a viver um verdadeiro clima de terror, e os meios culturais como romance, teatro, música e poesia eram mantidos sob controle. O produto cultural só era liberado para a sociedade se os sensores o julgassem inofensivo ao sistema político.

Apesar de toda essa repressão, os militares não intimidavam os escritores que se exilavam e continuavam escrevendo como é o caso de Jorge Amado, que aproveitou o período do exílio para escrever. “Capitães da Areia”, não ficou censurado por muito tempo; no final do Estado Novo em 1944, foi lançada sua segunda edição. Desde então, se tornou um dos romances mais vendidos do autor, marco da literatura brasileira, pelo seu caráter realista.

O realismo crítico do autor nos leva a refletir sobre os problemas sociais mais marcantes, com os quais ainda nos deparamos nos dias atuais, e nos possibilita perceber que Amado, assim como os demais autores Neorrealistas, não escreviam apenas movidos pelo prazer artístico, mas sim, para “[...] conscientizar o leitor de problemas reais de seu tempo. O romance é para eles, pois, de intervenção social: o objetivo era criticar ou denunciar um problema social para contribuir para sua solução” (ABDALA JUNIOR, 1993, p.11).

Jorge Amado é sem dúvida alguma, um dos mais famosos e conhecidos autores brasileiros. Escritor de renome, que teve uma vida agitada, envolveu-se também na política. Ele iniciou “[...] sua carreira literária como autor reconhecidamente engajado, que usava sua ficção como instrumento de luta política, alimentado por todo o contexto político social das décadas de 1930 e 1940, [...]” (PELLEGRINI, 1999, p.122).

Jorge Amado nasceu em 1912 na fazenda Auricídia em Ferradas, distrito de Itabuna Bahia, filho primogênito do casal João Amado de Farias e Eulália Leal. Antes de completar dois anos, sua “[...] família mudou-se para Ilhéus, fugindo da epidemia de varíola (a bexiga negra)” (GOLDSTEIN, 2008, p. 79).

Filho de fazendeiro, Jorge Amado, manteve um laço de amizade com os trabalhadores da fazenda do seu pai. Foi por intermédio desta amizade que o autor percebeu as questões sociais que permeavam o País, conforme ele leva ao público durante uma entrevista; “[...] foi a amizade com os trabalhadores do cacau que me despertou a consciência do social. E foi com eles, [...], que eu entrei na primeira vez em uma casa de raparigas, [...] foi em 18, eu estava com seis anos de idade”⁵ (ESPINOSA, 1981, p. 6-7).

Após ser alfabetizado pela mãe, Jorge Amado ingressa no colégio dos Padres Jesuítas, e lá é incentivado pelo padre Luiz Gonzaga Cabral a tomar gosto pela leitura o qual, lhe emprestava livros de diversos autores. A partir de então, ele começa a despertar a paixão pelos livros. No entanto, o caráter disciplinar do internato o desagradava.

O autor mostrou uma postura rebelde, sendo sujeito ativo de sua vida. Fugiu do colégio interno onde vivia em Salvador aos 13 anos de idade, aventurando-se, por dois meses, pelo interior da Bahia. Momento este, que Amado considerou importante para a sua vida. “Eu tinha menos de treze anos naquela época. Foi uma coisa muito importante para mim essa fuga. [...]. Eu atravessei todo o sertão da Bahia até Sergipe” (ESPINOSA, 1981, p.8).

Essa experiência, vivendo pelas ruas da Bahia aos 13 anos, pode ter sido um dos fatores que levou o autor a se interessar pela problemática que as crianças de rua

⁵ Em entrevista concedida, em junho de 1981, a Antônio Roberto Espinosa, editor da Coleção Literatura Comentada, publicada pela Editora Abril.

vivenciavam. Após dois anos dessa fuga, ele começou a trabalhar em um jornal, e aos 18 anos, escreveu seu primeiro romance, o fio condutor de uma trajetória lapidar da diversidade de obras que o autor viria a produzir.

Em 1930, Jorge Amado formou um círculo de amizade com pessoas da política e das letras, o qual “[...] marcou profundamente sua personalidade e a preocupação que teve com os problemas brasileiros” (GOLDSTEIN, 2008, p. 81). Nessa mesma época, Amado fez uma longa viagem pelo Brasil, América Latina e Estados Unidos, nesse percurso escreveu “Capitães da Areia”. Durante o regresso de uma de suas viagens ele sofre o dissabor da perseguição sendo preso “[...] devido a supressão da liberdade política decorrente da proclamação do Estado Novo (1937-50)” (GOLDSTEIN, 2008, p.82).

Em 1945, na cidade de São Paulo, Jorge Amado ao participar do I Congresso Brasileiro de Escritores, cuja chefia estava em sua responsabilidade, conhece a também escritora Zélia Gattai, sua grande paixão. A união com Zélia durou até 2001, ano em que faleceu o grande contador de histórias, conforme ele dizia ser. “Eu sou um contador de histórias, não sou outra coisa. Eu venho e conto minha história. Aquilo que eu sei e como sei” (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1997, p. 57).

A partir do conhecimento achegado ao repertório literário amadiano, percebemos a sua obsessão em representar as belezas baianas, principalmente o mar. Conforme registra Candido, “[...] o mar penetra com Jubiabá, e daí por diante não lhe é mais possível livra-se da sua obsessão” (2008, p.72). Em “Capitães da Areia” os meninos se agitam pelas praias, o ambiente onde vivem, amam, sofrem e sonham no devaneio do dia ouvindo apenas o apelo da água. “Em Mar Morto o mar invade o livro todo, pois que ele é o livro” (CANDIDO, 2008, p. 72).

Amado buscou projetar em seus romances o destino do homem de forma a colocá-lo num patamar superior à mera adaptação da realidade. “Suas personagens trazem a dimensão da transcendência, perturbam-se com o futuro e o colimam de uma forma visionária” (LUCAS, 1997, p. 113). Suas personagens na maioria são negros, malandros, prostitutas, menores desvalidos, coronéis e pescadores baianos.

Autor de “O mar” aos onze anos, Amado, talvez não imaginasse o tamanho da repercussão que sua carreira literária viesse a alcançar. Modesto, em uma entrevista, quando foi questionado sobre como ele achava que sua obra seria lembrada, ele respondeu com uma pergunta. “O sr. acha que vai ser lembrada?” (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1997, p. 57).

De acordo com Duarte se nós formos analisar a repercussão dos romances amadianos a partir de uma dada atenção a quantidade de leitores que o seguem, quando em 1933 seu livro *Cacau* esgotou com uma edição de 2.000 exemplares num período de 30 dias, mostra a empatia do público. É essa apreciação da “massa ledora” que contribui “[...] para menos que a constituição da literatura - entendida como conjunto orgânico de relações entre autor, obra e público” (1997, p. 89).

A pesquisa de Duarte parte da indagação do que teria movido gerações de leitores a se interessarem profundamente pelas obras amadianas ao ponto de transformá-la numa “verdadeira instituição”. Duarte chega à conclusão de que é o recurso literário em que Jorge Amado é apreciado por colocar o povo como tipos sociais em seus romances.

Para Darcy Ribeiro, Jorge Amado é o romancista mais lido no Brasil se destacando entre um dos melhores ou “[...] até o melhor deles, por sua inegável capacidade de sintonizar seus textos com o gosto das mulheres das classes médias, que formam a maioria do leitorado brasileiro”. (1997, p. 27).

Em relação à análise da obra amadiana, a crítica literária não entrou em consenso quanto a sua divisão. Moisés ressalta que a trajetória literária do autor pode ser dividida em três fases: a primeira é marcada desde seu primeiro livro, *O País do Carnaval*, até *São Jorge do Ilhéus* e a segunda corresponde a *Seara Vermelha*, e *Subterrâneos da Liberdade*. Gabriela Cravo e Canela marcou o início da sua terceira fase, e conforme Moisés ela serviu de modelo para as obras seguintes. Cada fase “[...] apresenta uma nota predominante, uma temática central [...]” (2001, p. 160).

No entanto, Franco Jr. reforça que a obra literária do autor pode ser dividida em duas fases, a primeira vai de seu primeiro livro, *O País do Carnaval* a *Os subterrâneos da liberdade* que “[...] se caracteriza pelo vínculo do escritor com o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e suas teses sobre a função do artista engajado em causas sociais e na luta pelo socialismo” (2008, p. 41).

A segunda fase com Gabriela Cravo e Canela, no qual, Amado rompe com o partido (PCB) e sua linguagem tem um novo viés, destacando o hibridismo social com um tom humorístico, apesar de Jorge Amado enfatizar que em suas obras há “[...] dois momentos de afirmação e não de mudança de rota. A rota continua a mesma [...]. Mas eu não acredito que por isso possa se falar de uma divisão” (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1997 p. 51-52).

Contudo, os críticos defendem que Gabriela Cravo e Canela marca um novo rumo na sua temática. “Digamos que, daí por diante, a força de atração ideativa se deslocou da justiça social para se concentrar na aspiração da liberdade. E o fermento da nova cosmovisão se transpõe do romantismo sentimental para a exploração do riso e do sonho” (LUCAS, 1997, p. 110-111).

No entanto, Jorge Amado ressalta que há uma continuidade no seu trabalho em que desde o início de sua carreira buscou preservar. O tom humorístico já estava em suas obras, mas, pela sua imaturidade não o fazia tão bem. “O escritor novato é ‘sério de mais’. Eu precisei amadurecer para alcançar o humor. Ele é algo tão refinado que você só o domina quando viveu e compreendeu bem as coisas” (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1997, p. 52).

A partir de uma leitura analítica, percebemos o tom humorístico que permeia o enredo de Gabriela, e chegamos a pensar que Amado tenha “[...] abandonado a luta, quando apenas se pusera a pensar e escrever como brasileiro genuíno, para melhor se tornar, embora ainda não o soubesse, cidadão do mundo” (EMERY, 2008, p. 74).

É a partir de 1950 que a literatura amadiana passou a dar destaque ao humor, à sensualidade, à miscigenação e ao sincretismo religioso. “Apesar de não terem estado ausentes de sua literatura, esses elementos passam agora a ocupar o primeiro plano, e seus romances apresentam um posicionamento político mais nuançado” (GOLDSTEIN, 2008, p. 83).

Jorge Amado é reconhecido não apenas pela sua vasta produção literária, mas pela sutileza de suas narrativas líricas. Em sua primeira fase escreve “Capitães da Areia”, um romance que apresenta o contraste na forma lírica do narrador compor o enredo com a criação das personagens que desnudam o seu fazer literário através das intrigas, e assim, nos permite compreender a simbologia social que eles representam. “Seus personagens se tornam emblemáticos das condições sociais, dos valores e das aspirações de toda uma classe” (ALBUQUERQUE JR., 2006, p. 213).

3 As representações acerca do desejo de transgressão

A forma como todas as personagens se comportam e projetam-se no cenário da instância narrativa é apresentada pelo narrador de forma igualitária, ou seja, não há um único

protagonista, mas se destaca o grupo como um todo, sendo os capitães da areia os atores principais do romance.

A partir da leitura de um romance podemos ter a impressão de vários fatores no decorrer do enredo, bem como nas personagens que os vivenciam. Quando pensamos no enredo nos vêm em mente esses seres ficcionais e conseqüentemente as peripécias que praticam, os problemas em que se enredam no desenrolar dos seus destinos em consonância com o ambiente.

Segundo Candido, a intriga “existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem expressam de forma interligada os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam” (2005, p. 53-54). Para o autor, um romance bem elaborado se constitui de três elementos: o enredo, as personagens que transformam sua essência e as ideias que representam seu significado. Por conseguinte, estes formam um conjunto elaborado pela técnica do fazer artístico que são intimamente “ligados” e “inseparáveis”.

Neste prisma, a personagem é um dado importante que através do seu ato “[...] representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência. A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos” (CANDIDO, 2005, p. 54). Para que a personagem pareça ser o que há de mais vivo no enredo, depende do leitor, de sua aceitação da verdade.

Não se pode cometer o erro de caracterizá-la como a parte essencial do romance, mas que ela em conjunto com os demais elementos dá concretude ao texto. Pois a personagem não existe “separada das outras realidades que encarna, que ela vive, que lhe dão vida” (CANDIDO, 2005, p. 54). Dessa forma, partimos da premissa de que a personagem é um ser que habita a realidade ficcional, sendo que a matéria pela qual é feita e o espaço em que reside, são diferentes dos do ser humano.

No entanto, suas realidades mantêm certo relacionamento, pois o autor ao dar vida a esses seres ficcionais produz e reproduz as complexidades de uma pessoa real. Contudo, essa pessoa é apresentada na roupagem de uma personagem conduzida pelo olhar de quem está fora da sua vida. Assim, sua criação depende da forma como o autor seleciona as combinações e estratégias para reinventar uma realidade, transportando a sua visão de mundo a um retrato mimético do real.

De acordo com Brait (1985), o termo mimese é descrito por Aristóteles como um recurso usado pelo autor para selecionar uma realidade em que a personagem é vista como um

reflexo da existência humana, mas, obedece a regras existenciais no próprio texto. Pois, a criação de um ser fictício depende dos recursos utilizados pelo autor para entrelaçar o real com o imaginário formando uma possibilidade de existência.

Dessa forma, “não cabe à narrativa poética reproduzir o que existe, mas, compor as suas possibilidades” (BRAIT, 1985, p. 31). Esse processo de criação se dar a partir do olhar direcionado do autor sobre algo que ele julga ser real.

O escritor recorre aos artifícios oferecidos por um código a fim de engendrar suas criaturas. Quer elas sejam tiradas de sua vivência real ou imaginárias, dos sonhos, dos pesadelos ou das mesquinhas do cotidiano, a materialidade desses seres só pode ser atingida através de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensíveis seus movimentos (BRAIT, 1985, p. 52).

A personagem só existe no todo semântico do texto e só adquire especificidade de ser fictício, ao longo do enredo na medida em que se fazem os contornos da obra, pois é ela quem faz a ação. Dessa forma, “só existe como tal se participar efetivamente do enredo, isto é, se age ou fala” (GANCHO, 2006, p. 18). A personagem é um ser fictício, mesmo que ela seja verossímil a um ser humano.

Contudo, o romancista, ao criar suas criaturas coloca as características físicas e sociais que não podem ser tomadas como a totalidade de um ser real.

A primeira idéia que nos vem, quando refletimos sobre isso, é a de tal fato ocorre porque não somos capazes de abranger a personalidade do outro com a mesma unidade com que somos capazes de abranger a sua configuração externa (CANDIDO, 2005, p. 56).

Podemos nos perguntar de onde vêm esses seres? Scliar *apud* Brait, responde que “os personagens vem da imaginação do escritor. De muitos lugares, isto é certo. Da infância. Do dia a dia. De um encontro casual na rua” (BRAIT, 1985, p. 84). Levando em consideração o enredo como o lugar onde habita esse ser ficcional, o narrador é um dado importante, uma espécie de “câmera” que está envolvida de forma direta ou indireta registrando os acontecimentos que nele se passam.

No caso de “Capitães da Areia”, o narrador nos apresenta a condição de abandono e infância roubada do grupo como um todo, mas, por se tratar de seres fictícios com personalidades e destinos diferentes, optamos em esmiuçar mais detalhadamente a história de

Pedro Bala, Sem-Pernas e João José que, por intermédio de suas condições de vida, podemos perceber no desenrolar do enredo, os destinos que ambos seguiram.

O narrador traça o caminho fictício de cada personagem, projetando-as no cenário político, social e cultural, fazendo com que o leitor perceba as condições sociais e psicológicas em que a trama se desenvolve. O jovem, Pedro Bala, órfão de pai e mãe, chefe dos capitães de areia, nos é apresentado como uma criança que teve que se virar sozinho, porque a rua era seu guia e o fez amadurecer precocemente, pois a necessidade o obrigava a sobreviver aos mais diversos obstáculos que a vida lhes reservava, adquirindo, dessa forma, a experiência necessária para sobreviver naquele meio social preconceituoso.

Pedro Bala. Desde cedo foi chamado assim, desde seus cinco anos. Hoje tem quinze anos. Há dez que vagabundeia nas ruas da Bahia. Nunca soube de sua mãe, seu pai morrera de um balaço. Ele ficou sozinho e empregou anos em conhecer a cidade. (AMADO, 2009, p. 26).

Pedro Bala dedicou anos de sua infância para conhecer a cidade, fato este, que o fez se deslocar com mais agilidade na hora em que a polícia o perseguia. Com essa agilidade e como bem assinala o narrador, com o seu espírito vivaz e revoluto, senhor da arte de tratar com os outros e porque “[...] trazia nos olhos e na voz a autoridade do chefe [...]” (AMADO, 2009, p. 27), ele se faz amado e obedecido pelos outros membros do grupo.

A personagem nos é apresentada como um menino com sentimentos e ações adultas, com um toque apurado de rancor e ódio contra a população rica da cidade. Líder de um bando de crianças, as quais se refugiavam para dormir “nas ruínas do velho trapiche” e viviam “[...] vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade os donos da cidade [...]” (AMADO, 2009, p. 27).

Pedro Bala sentia-se, “[...] como se carregasse um peso dentro de si, [...]” (AMADO, 2009, p. 86). O ódio e a inquietação que sentia da sociedade o fez abusar sexualmente de uma pobre negrinha no areal. Mas logo depois vem o sentimento de culpa pelo ato covarde.

Primeiro ele ficou parado, depois deitou a correr no areal e ia como se os ventos o açoitassem, como se fugisse das pragas da negrinha. E tinha vontade de se jogar no mar para se lavar de toda aquela inquietação, a vontade de se vingar dos homens [...], o ódio que sentia contra a cidade rica que se estendia do outro lado do mar, [...], o desespero da sua vida abandonada e perseguida, a pena que sentia da pobre negrinha, uma criança também (AMADO, 2009, p. 92).

Percebemos o desespero de Pedro Bala ao sentir na pele o mal que fez a menina, uma “criança”, como ele repetiu no seu inconsciente mostrando está arrependido do ato imprudente. Diferente dele, que já conhecia a sexualidade desde cedo, ela ainda era virgem. O fragmento acima nos faz perceber que só fizera aquilo para vingar-se da sua condição de vida, de uma criança pobre e abandonada por todos. Logo depois corre contra o tempo para apagar o que fez e se limpar no mar, de todo ódio que sentia da sociedade que o renegava.

No decorrer do enredo percebemos que a violência praticada pelo grupo de menores abandonados é justificada pelo narrador mostrando que os capitães da areia são vítimas da condição de sujeitos sociais da infância pobre, abandonada e da delinquência, e se faziam algo de errado era por falta de oportunidade de uma vida melhor.

Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. Mas, no entanto, eram bons, uns eram amigos dos outros. Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa, nem pai, nem mãe, a vida deles era uma vida sem ter comida certa e dormindo num casarão quase sem teto. Se não fizessem tudo aquilo morreriam de fome [...] (AMADO, 2009, p. 106).

Percebemos que os meninos, atores sociais, são obrigados a desenvolver os maus hábitos da rua, mostrando-nos a luta desses órfãos contra a sociedade opressora. A obra apresenta o drama da infância ignorada e a falta de soluções legais em que a sociedade *corpus* do individualismo preconceituoso possa sanar os conflitos vividos pelos menores.

O narrador ao passo que apresenta as ruas do centro de Salvador nos faz ver com detalhes as desigualdades contra os meninos bem como as caminhadas noturnas dos capitães da areia agindo e virando-se como homens, deixando o leitor a par das suas vidas.

Nestas noites de chuva eles não podiam dormir. De quando em vez a luz de um relâmpago iluminava o trapiche então se viam as caras magras e sujas dos Capitães da Areia. Muitos deles eram tão crianças que temiam ainda dragões e monstros lendários. [...]. Ficavam todos juntos, inquietos, mas só toa via, sentindo que lhes faltava algo, não apenas uma cama quente num quarto coberto, mas também doces palavras de mãe[...] (AMADO, 2009, p. 95).

O enredo mostra a angústia e a fragilidade dos personagens que são obrigados a serem fortes, pois para sobreviverem à miséria e resistirem às punições da polícia era necessário agir como adulto. Um desses episódios está na prisão do jovem Pedro Bala que mostra a resistência esbravejada pelo ódio contra a sociedade baiana.

Agora davam-lhe de todos os lados. Chibatadas, socos e pontapés. O diretor do reformatório levantou-se, sentou-lhe o pé, Pedro Bala caiu do outro lado da sala. Nem se levantou os soldados vibraram os chicotes. Ele via João Grande, Professor, Volta Seca, Sem-Pernas, o Gato. Todos dependiam dele. A segurança de todos dependia da coragem dele (AMADO, 2009, p. 195).

Em “Capitães da Areia”, o enredo descortina o sistema perverso que marginalizava e discriminava as crianças de rua da década de 30. Neste contexto, o reformatório que era usado para “recuperar” os menores, utilizava métodos “educativos” violentos. Pedro Bala durante sua breve passagem nesta instituição experimentou estes métodos. O reformatório na obra amadiana é uma espécie de espelho dos reformatórios existentes na década de 1930 cujo objetivo consistia em “regenerar” os menores delinquentes.

O Governo da Era Vargas criou um sistema para combater a criminalidade, porém o que desencadeava era a revolta dos jovens infratores, devido à falta de afeto e compreensão que caracterizava as referidas instituições, ou seja, uma sociedade que punia crianças para reformá-las, que, no entanto, não ajuda a regenerá-las, mas sim, contribuía para aumentar o ódio e o desejo de fuga mediante a vingança contra o trauma sofrido. Esse sentimento está expresso no posicionamento do narrador, ao mostrar os anseios de Pedro Bala durante os delírios na prisão. “Aquilo é castigo para um homem, não para um menino. O ódio não cresce mais em seu coração. Já atingiu o máximo” (AMADO, 2009, p. 204).

A consciência crítica revelada pelas atitudes das personagens, enquanto representantes sociais da população marginalizada, toca no ponto culminante da temática do romance, a infância roubada por uma sociedade elitista que pune os capitães da areia com castigos físicos que acarretam traumas psicológicos, em vez, do aparelho repressor (estado) buscar soluções para o problema que possivelmente esteja influenciando nos maus hábitos do grupo.

Essas atitudes agressivas aumentam a revolta das personagens, quando na verdade o que elas queriam era algo simples e direito de todos como: proteção à vida e à saúde com uma residência no seu sentido afetivo, acolhedor e protetor. No entanto, a instância narrativa, *corpus* da nossa pesquisa nos faz refletirmos: como esses atores sociais podem viver uma infância digna, igual às demais crianças? Se elas nascem em uma condição social desprivilegiada, na qual, são vistos como marginais excluídos do sistema social capitalista?

A obra reflete a grande desigualdade social que a Bahia sofria, e é através do olhar de uma de suas criaturas que o narrador mostra de forma triste a expressão do seu semelhante

desse cenário de desigualdade social. “Mas tu espia os homens, tá tudo triste. **Professor diz para Pedro Bala como ele ver os habitantes da cidade.** Não tó falando dos rico. Tu sabe. Falo dos outros [...]. Tudo com cara de fome, eu nem sei dizer. É um troço que eu sinto...” (AMADO, 2009 p. 132, grifo nosso). O narrador nos mostra o estado psicológico dessas crianças, através da falta de esperança de um povo cansado de sofrer.

Jorge Amado, autor de múltiplos universos e de múltiplas linguagens, conhecedor dos problemas sociais e políticos da sua época. Por intermédio da sua obra reivindicava os direitos dos jovens da Bahia: “direitos iguais para todos”, a cidadania plena. Assim, “Capitães da Areia” divulga a negligência da sociedade em relação às crianças de rua, tendo como fator conseqüente a delinquência. A temática em questão torna o romance atemporal, um problema que foi visto no passado, mas que perdura no presente.

O enredo mostra a luta por esse direito aos jovens da Bahia. Eles esqueceram que não eram iguais às demais crianças, “[...] esqueceram que não tinham lar, nem pai, nem mãe, que viviam de furto como homens, que eram temidos na cidade como ladrões. [...]. Esqueceram tudo e foram iguais a todas as crianças, [...]” (AMADO, 2009, p. 79-80).

Através do mundo mágico dos capitães da areia, o enredo expressa um desejo, uma luta pelos direitos das crianças sem teto. É a partir desse desejo que o narrador transforma Pedro Bala em herói, com uma missão. “Ajudar a mudar o destino de todos os pobres” (AMADO, 2009, p. 258). É esse o grande final do jovem líder dos capitães da areia, de chefe do seu grupo a chefe das pequenas causas.

O jovem encontra “... UMA PÁTRIA E UMA FAMÍLIA”, adquirindo dessa forma consciência social e política. Sobre o sentido da PÁTRIA, Abdala Junior assinala que ela é para Pedro Bala, “[...] mais do que uma forma de vida, uma perspectiva existencial. Em vez da família burguesa, Pedro-Bala adquire uma grande família, com um sentimento de parentesco que abarca toda a nação” (1993, p. 35).

Amado ao criar seus personagens vai além da ficção, ele entrelaça o real com o imaginário. Em se tratando do Sem-Pernas a falta de infância inevitavelmente o transforma na criança mais carente do grupo, porém camufla sua carência de amor, de proteção, com o ódio que sente da sociedade, do abandono da família, do sentimento de pena que lhes é atribuído pelo defeito físico, “um aleijão”. “[...] Coxo, o defeito físico valera-lhe o apelido” (AMADO, 2009, p. 31). Desde que tinha um lar trazia no seu coração a humilhação de ser criado por “caridade”.

O narrador dotado de informações sobre as personagens nos deixa a par dos traumas do Sem-Pernas que ele nunca teve família e tinha consciência do que significa viver sob pseudocaridade, pois, antes de fazer parte dos capitães da areia, ele morou, durante um tempo, na casa de um padeiro a quem chamava de padrinho e foi pelas mãos dele que começou a acreditar que a fuga era uma porta para a liberdade, pois para ele o que havia era “[...] a grande liberdade das ruas. Mas havia também o abandono de qualquer carinho, a falta de todas as palavras boas” (AMADO, 2009, p. 35-36). Ao fugir da casa do seu padrinho que lhe espancava, conheceu a face cruel das ruas. Foram semanas ou meses intermináveis de abandono e crueldade.

Logo quando fugiu de “casa”, o Sem-Pernas foi capturado pela polícia “vagabundeando” pelas ruas e levado para delegacia na qual sofreu castigos físicos que, ao longo da narrativa, podemos perceber o terror que essas lembranças lhes causavam. “Depois foi o horror dos sonhos da cadeia, o homem de colete que ria brutalmente, os soldados que surravam o Sem-Pernas que corria com a perna aleijada em volta da saleta” (AMADO, 2009, p. 123).

Essa agressão lhe valeu de pesadelo durante os poucos anos que viveu, tornando-se revoltado e profundamente consciente do preconceito da sociedade. Mais tarde, transformou-se em um menor vagabundo da cidade da Bahia, que ingressou no grupo dos capitães da areia ao contar cerca de treze anos. Vivendo de furtos e de enganar famílias ricas, se passando por “órfão desamparado” para depois o seu grupo roubá-las.

O ponto mais dramático da narrativa é a decisão que o Sem-Pernas tem que tomar: ficar com seus amigos ou se render ao calor de uma família que o recebeu como a um filho. Pois, em todas as outras casas ele não passou da cozinha e nesta foi diferente. Ele temia que isto acontecesse e logo pode ver “[...] desta vez estava sendo diferente. Desta vez não o deixaram na cozinha com seus molambos, não o puseram a dormir no quintal. Deram-lhe roupa, um quarto, comida na sala e jantar. Era como um hóspede, era como um hóspede querido” (AMADO, 2009, p.120-121).

A narrativa toca no ponto culminante. O sentido de solidariedade e lealdade, ao dar a escolha do Sem-Pernas entre o carinho dos seus amigos e ficar com sua nova mãe Dona Ester. Pois o desejo, melhor dizendo, a necessidade da personagem de ter uma família era profunda, mas ao pensar em trair o grupo, ser comprado por este amor, era egoísta de sua parte. Por mais que o Sem-Pernas gostasse de dona Ester, não podia trair a lei do grupo em que o “bem

se pagava com o bem” e lá não havia lugar para traidores. Assim ele teve que tomar a decisão mais difícil de sua curta infância trair seus novos pais.

Então os lábios do Sem-Pernas se descerraram e ele soluçou, chorou muito encostado ao peito de sua mãe. E enquanto a abraçava-a e se deixava beijar, soluçava porque a ia abandonar e, mas que isso, a ia roubar. E ela talvez nunca soubesse que o Sem-Pernas sentia que ia furtar a si próprio também. Como não sabiam que o choro dele, que os soluços dele eram um pedido de perdão (AMADO, 2009, p. 127).

O narrador nos mostra a redenção apesar de todo sofrimento e desejo de vingança, no sentimento de solidariedade aos amigos e no remorso de Sem-Pernas de trair sua nova mãe. Gotas de perdão jorraram na face dele, gotas reprimidas nos fazem ver a fraqueza de uma criança diante de uma decisão importante para sua vida, decisão esta que tornou o coração de Sem-Pernas mais duro. Ele se arrependeu do que fez com Ester porque tinha aprendido a amá-la, porém, ficar com seus amigos representava uma prova de amizade e lealdade. Esta foi uma decisão que aguçou o sentimento de desesperança por um futuro melhor. E o que lhe acontece em seguida é descrito da seguinte forma.

Sem-Pernas Coria de um lado para o outro da rua, os guardas avançavam. Ele fez que ia escapular por outro lado, driblou um dos guardas, saiu pela ladeira. [...] E acima de tudo não queria que o pegassem. Lembrava-se da vez que fora à polícia. Dos sonhos das suas noites más. Não o pegariam e enquanto corre este é o único pensamento que vai com ele. [...] Essa será sua vingança. Não deixará que o peguem, não tocarão a Mão no seu corpo. Sem-Pernas os odeia como odeia a todo mundo, porque nunca pôde ter um carinho. E no dia que o teve foi obrigado a o abandonar porque a vida já o tinha marcado demais. Nunca tivera uma alegria de criança. Se fizera homem antes dos dez anos para lutar pela mais miserável das vidas: a vida de criança abandonada. [...]. Não o levarão. Vêm em seus calcanhares, mas não o levarão. Pensam que ele vai parar junto ao grande elevador. Mas Sem-Pernas não para. Sobe para o pequeno muro, volve o rosto para os guardas que ainda correm, ri com toda a força do seu ódio, cospe na cara de um que se aproxima estendendo os braços, se atira de costas no espaço como se fosse um trapezista de circo. [...]. Sem-Pernas se rebenta na montanha como um trapezista de circo que não tivesse alcançado o outro trapezista (AMADO, 2009, p. 242-243).

Percebemos na atitude do Sem-Pernas a desesperança que uma criança pode sentir para cometer o suicídio, quando elas entram na adolescência, já estão aborrecidas demais, sem esperança de uma vida melhor neste mundo, pois em seu curto tempo de existência já

vivenciaram todos os tipos de situações difíceis, perdendo desta forma, a esperança de um futuro melhor.

O narrador mostra a angústia e o sofrimento do Sem-Pernas que prefere o suicídio a ter que voltar para o reformatório e sofrer todos os tipos de violência. Para ele a morte era a única saída, assim como fugir era ser livre, a morte era a liberdade, pois ele não seria mais torturado, não passaria fome, e nem sentiria falta do amor de uma família. Estaria livre de todas as mazelas que lhes perseguiram. E assim, fecham-se as cortinas do circo da vida do Sem-Pernas, um “trapezista” que dá um voo para a “liberdade”.

Amado não privilegia a protagonização de apenas uma de suas personagens, dando um único desfecho à narrativa, mas apresenta vários protagonistas para assim, mostrar as diversas possibilidades de destinos que a condição social pode lhes oferecer. Uma delas é de que nas camadas subalternas pode haver cidadãos conscientes. Em que o fio condutor da formação desses cidadãos está no hábito da leitura, isto é, no direito à literatura. A partir dessa consciência, o autor dá vida a um de seus personagens centrais, João José, uma criança obcecada por livros que tinha um grande talento artístico para a pintura.

João José, conhecido como Professor, o menor vagabundo das ruas da Bahia, franzino, magro e triste, o cabelo caindo sobre os olhos apertados de míope. Uma criança que caiu nas ruas, no mundo do crime por falta de oportunidade. Sem uma família que lhes desse uma infância sadia com uma educação digna. Pois, ele mostrou gostar de ler, fato que pode transformar a vida de uma pessoa. Seu primeiro furto foi um livro, desde então não conseguiu parar.

Os livros que furtava, não eram vendidos, mas empilhados sob tijolos, no seu esconderijo. Professor era o único do grupo que sabia ler, apesar de ter frequentado a escola somente um ano e meio. Durante a noite, ele se reunia com os capitães da areia e lia com emoção para aproximadamente quarenta crianças sedentas de aventuras.

Ele é uma criança sonhadora, a mediadora do seu grupo, com um dom para a pintura. Portador de uma missão: mostrar, através da arte a vida dos seus companheiros. “Vou estudar com um pintor no Riu [...]. **Professor conversando com Pedro Bala.** Um dia vou mostrar como é a vida da gente... Faço o retrato de todo mundo... Tu falou uma vez, lembra?” (AMADO, 2009, p. 222, grifo nosso).

O narrador ao transformar Professor no mediador dos capitães da areia, mostra o desejo de que ao término da narrativa esta história de sofrimento dos menores abandonados, não seja calada. Transformando João José no artista que vai mostrar através da pintura, a

realidade das ruas como ela é. As pessoas não são todas felizes, as expressões de seus rostos mostram as cicatrizes lapidadas ao longo de suas vidas. Os meninos no areal semi-esfomeados em farrapos davam uma moldura de um quadro. Assim ele ia “[...] pintar por sua conta quadros que, antes de admirar, espantam todo o país” (AMADO, 2009, p. 22-32).

Em suas pinturas, João José iria retratar as crianças e a sociedade em geral, mas ele desenhava outros modos de ser criança. Seus cabelos desgrenhados, bocas sujas, o contorno dos seus sorrisos eram outros, intensos e tristes. O foco da pintura dele seria diferente, eram crianças e famílias marcadas pela dureza de sua condição de vida. Como ele sempre almejou fazer, o que via acontecer com seu grupo e os pobres da cidade, assim, eles davam a moldura de um quadro.

São imagens que ele carregava no seu ser que o inquietava, espantava e o afligia, causando-lhe revolta contra as injustiças e as precárias condições da classe marginalizada. Sua obra não era um reflexo de uma mente imaginária, mas de uma realidade dura que precisava ser transfigurada, na qual todos pudessem ser dignos de uma vida, de uma infância de verdade, em um lar desfrutando do conforto físico, emocional e social.

É a partir da personagem Professor que a instância narrativa aborda um fator decisivo para uma infância digna, que não traga consequências no futuro, o hábito da leitura, a competência crítica, adquirida através da leitura do mundo ao seu redor. No entanto, os menores abandonados retratados, representam um vazio social, apesar de viverem imersos numa sociedade, eles concebem a negação da escola, da família, de um lar, dos direitos sociais e principalmente do direito a literatura. Pois, o autor ao encarnar o narrador nos deixa a par da necessidade dos meninos de rua, representantes da classe estigmatizada, de terem acesso à literatura. Para tanto, é a personagem Professor que descortina essa necessidade quando rouba um livro e compartilha com o grupo o prazer da leitura.

Nesse sentido, as personagens do romance em análise dão voz às tantas crianças que se encontram na situação de negação dos direitos sociais. É a partir dessa ressalva que percebemos o intercâmbio do literário e o real, e como diz Candido “[...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou da negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. [...] ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos” (CANDIDO, 2004, p.186).

4 Considerações finais

A análise de “Capitães da Areia” na perspectiva social possibilita reflexões acerca da necessidade de transformação da sociedade em meio a tantas injustiças e desigualdades que ainda estão presentes na atualidade.

A obra dialoga com as diversas histórias de tantas crianças de rua que vivem de furto, sem família e com um agravante — que os capitães da areia não faziam uso — as drogas, meio pernicioso comandado por traficantes que manipulam os jovens da atualidade. Os capitães da areia ansiavam pela liberdade e por uma família, algo tão distante de sua realidade. Esse sonho utópico de viver em um lar com seus familiares, de poder brincar e ser iguais as demais crianças eclode nas vozes dos protagonistas do romance.

O enredo procura transmitir uma mensagem utópica no sentido de garantir direitos iguais para todos, tais como casa, família, alimentação, e a literatura. Diante do contexto social das personagens, percebemos o desejo de transformar os ideais da sociedade, cujos valores se firmam numa pequena parte, na qual as ações dos capitães da areia metaforizam as vozes dos milhares de crianças cuja infância é negada.

“Capitães da Areia” evidencia os problemas sociais do menor abandonado e das diferenças de classe que geram pobreza, discriminação, abandono e criminalidade infantil, cuja sociedade não busca meios para ajudar os jovens a se desviarem deste meio degradante, mas, usa de métodos disciplinares — castigos — que aumentam a revolta dos capitães da areia.

A sociedade, devido ao sistema capitalista, desencadeia as divisões de classes que geram a pobreza e causa o abandono, a orfandade e conseqüentemente a vivência nas ruas, como é o caso do grupo de menores abandonados do enredo. Na narrativa, como se buscou evidenciar, o reformatório, a cadeia e o distanciamento entre a “sociedade” e os meninos do enredo configuram a construção de uma realidade transfigurada e de uma transgressão do caráter infantil.

No entanto, as ações dos capitães da areia eram influenciadas pelo meio onde se desenrolavam suas ações. Crianças que não desfrutavam da infância, visto que, esta, lhes foi negada, restando-lhes apenas o desconforto de serem vistas — não como crianças — mas como marginais que ameaçavam a tranquilidade da cidade. Dessa forma, eles representavam não só suas angústias e inquietações, mas também, retratavam seu lugar perante a sociedade. “Mais realistas, não cumprem apenas destinos heroicos, mas vivem, às vezes, existências

miseráveis” (REUTER, 2004, p. 24). No caso dos capitães da areia essa existência era encoberta pelo manto da noite, hora em que saíam em busca do que comer.

Jorge Amado com sua capacidade de romancista problematiza um leque de ideias em “Capitães da Areia” que nos conduz e faz perceber a segregação social ancorada na infância roubada, sobre o qual concluímos que a literatura, como um reflexo mimético do real, tem o poder de nos fazer questionar ou aprovar o que lemos, e assim, vivermos dialeticamente as aspirações da sociedade. O grupo do “trapiche” hoje se multiplica nos meninos das favelas, pontes, semáforos e lixões, no entanto, todos compartilham um desejo, encontrar uma “FAMÍLIA”.

Referências

- ABDALA JUNIOR, B. **O romance social brasileiro**. São Paulo: Scipione, 1993.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 3. ed. Recife: FJN, Editora Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.
- AMADO, J. **Capitães da Areia**. Posfácio de Milton Hatoun. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BRAIT, B. **A personagem**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1985.
- CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Jorge Amado**. Nº 3. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997.
- CANDIDO, A. **A personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Duas cidades/ Ouro sobre azul, 2004.
- _____. Depoimentos. In: GOLDSTEIN, N. S. **Caderno de leituras: a literatura de Jorge Amado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- DUARTE, E. de A. Classe, gênero, etnia: povo e público na ficção de Jorge Amado. **Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado**, n. 3. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997, p. 71-72.
- EMERY, C. G. Depoimentos. In: GOLDSTEIN, N. S. **Caderno de leituras: a literatura de Jorge Amado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.73-75
- ESPINOSA, A. R. **JORGE AMADO Seleção de textos, notas, estudo bibliográfico, histórico e crítico e exercício**. São Paulo: Abril educação, 1981.

FRANCO JÚNIOR, A. Sociedade em formação: Terras do sem-fim e Tenda dos Milagres. In: GOLDSTEIN, N. S. (Org.). **Caderno de leitura: a literatura de Jorge Amado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.41-50.

GANCHO, C. V. **A narrativa literária**. In: como analisar narrativas. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GOLDSTEIN, N. S. **Caderno de leituras: a Literatura de Jorge Amado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

KOTHE, F. R. **O herói**. 1 ed. São Paulo: Ática, 1985.

LUCAS, F. A contribuição adianana ao romance social brasileiro. **Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado**, n. 3. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997, p. 98-119.

MOISÉS, M. **História da literatura brasileira**. 6. ed. São Paulo: Coutrix, 2001.

PELLEGRINI, T. O povo como adereço: O carnaval de Jorge Amado. In: SEGATO, J. A. & BALDAN, U. **Sociedade e Literatura no Brasil**. São Paulo: UNESP, 1999, p. 122-132.

REUTER, Y. **Introdução à análise do romance**. Tradução Angela Bergamine. 1. ed. 2004.

ROSSI, L. G. A militância política na obra de Jorge Amado. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOLDSTEIN, I. S. (Org.). **Caderno de leitura: o universo de Jorge Amado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 22-33.

RIBEIRO, D. Confluências. **Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado**, n 3. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997, p.26-28.

CARRIEL, P. 23 mil crianças ainda vivem nas ruas no Brasil. p. 1-5. In: **Gazeta do Povo**, Vida e Cidadania. Maringá.
<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1108319&tit=23-mil-criancas-ainda-vivem-nas-ruas-no-Brasil>. Gazeta do Povo. Acesso em 15/10/2012 as 19: 00h.

R7 Notícias. Moradores de rua contam sonhos e planos para 2012.
<http://noticias.r7.com/cidades/noticias/moradores-de-rua-contam-sonhos-e-planos-para-2012-20120102.html>. Acesso em 15/10/2012 as 19: 30h.

Data de recebimento: 30 de setembro de 2013.

Data de aceite: 10 de dezembro de 2013.